



## **REFLEXÕES SOBRE OS DESAFIOS DE UMA RESIDENTE- PROFESSORA A PARTIR DE UMA AULA PRÁTICA SOBRE SEXUALIDADE**

**Bruna Dias<sup>1</sup>, Luciana Allain<sup>1</sup>, Telma Morais<sup>1</sup>**

<sup>1</sup> UNIVERSIDADE FEDERAL DOS VALES DO JEQUITINHONA E MUCURI  
Bruna Dias: bruna.dias@ufvjm.edu.br

### **RESUMO**

Este trabalho refere-se ao relato da primeira autora, que é residente do subprojeto Biologia do Programa Residência Pedagógica da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri, sobre suas percepções a partir de uma regência sobre sexualidade realizada no 8º do ensino fundamental de uma escola estadual no município de Diamantina/MG. O planejamento foi realizado para uma sequência didática dividida em 3 momentos: o 1º momento previu uma caixa de perguntas anônimas sobre a temática, o 2º momento previa uma aula a partir das perguntas dos alunos depositadas na caixa, e o 3º momento seria uma visita técnica ao laboratório de Anatomia Humana da universidade. No decorrer da regência surgiram sentimentos de insegurança, vergonha e medo para abordar determinadas questões. Percebi que essa turbulência de emoções/sentimentos poderia ser decorrente da minha imaturidade enquanto profissional em formação, procurei orientações com a preceptora e a docente orientadora do Programa, o que mudou completamente minha visão sobre como prosseguir. Conduzi uma aula teórica utilizando uma linguagem próxima à dos estudantes, busquei não amedrontá-los quanto às Infecções Sexualmente Transmissíveis, preferindo uma abordagem de autopreservação e autocuidado. A aula prática sobre métodos contraceptivos ocorreu com total participação da turma, proporcionando muito mais segurança à minha atuação como residente/professora. Concluí que essa experiência modificou não só a mim como futura docente, mas também aos estudantes, que sentiram-se a vontade para esclarecer suas dúvidas, explicar o conteúdo na linguagem dos alunos é um ponto chave, assim como procurar apoio de outros profissionais mais experientes.

**Palavras-chave:** Sexualidade, programa residência pedagógica, formação de professores.

### **INTRODUÇÃO**

Sexualidade, o que essa palavra significa? Essa palavra diz respeito a com quem o indivíduo se relaciona (UNICEF, 2023). A sexualidade, portanto, faz parte do cotidiano de todas as pessoas e mesmo assim é taxado como tabu pela sociedade.

Ao considerar sua ocorrência no dia-a-dia, no âmbito escolar, essa temática não poderia ficar de fora, visto que, este espaço é um dos mais importantes para socialização em qualquer



etapa da vida do ser humano. Por este motivo, para alcançar mudanças significativas e diminuir o número de casos de contaminados por Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST), e casos de gravidez não planejada na adolescência, a escola é o espaço ideal para discussão da sexualidade e todas as suas vertentes – gênero, orientação sexual, sexo, dentre outros (SOARES e MONTEIRO,2019).

Ao entender que a escola provoca mudanças no estilo de vida das pessoas, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) no 8º do ensino fundamental, traz em suas habilidades não somente a parte fisiológica e morfológica do corpo, dos métodos contraceptivos e das doenças, mas também a sexualidade, o que pode ser evidenciado na habilidade “(EF08CI11) Selecionar argumentos que evidenciem as múltiplas dimensões da sexualidade humana - biológica, sociocultural, afetiva e ética”, (BRASIL,2018). A partir dos problemas observados na sociedade, o Programa Residência Pedagógica, Subprojeto Biologia da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri, tem como um de seus objetivos oportunizar “vivências transformadoras” para os residentes. Visto que a escola tem o papel de transformar a realidade das pessoas, o objetivo deste trabalho é compartilhar a experiência de uma residente, seus sentimentos, reflexões e mostrar seu processo de amadurecimento enquanto professora em formação, a partir de uma aula sobre Sexualidade com estudantes do 8º do Ensino Fundamental de uma Escola Estadual no Município de Diamantina, Minas Gerais.

## **METODOLOGIA**

Para produzir este relato consultei meu diário de bordo, o planejamento da sequência didática e o registro fotográfico das atividades. A metodologia de ensino utilizada consistiu em uma Sequência Didática (SD) dividida em três momentos. A SD é uma forma de organizar e planejar ações educativas em um formato flexível. Todo planejamento pode e deve ser modificado dependendo do contexto da sala de aula, da resposta dos alunos ao que foi apresentado (FERNANDES, ALLAIN & DIAS, 2022).

1º Momento: Utilizar o *Brainstorming*, estratégia conhecida no cotidiano docente como tempestade de ideias, com o objetivo de estimular a participação da turma. Para evitar constrangimentos, preferi realizar esse momento a partir de uma “caixa” de perguntas anônimas.

2º Momento: Aula Expositiva dialogada, baseada nas perguntas dos estudantes, utilizando como estratégia a roda de conversa, vídeos e fotografias.

3º Momento: Visita técnica ao laboratório de anatomia humana da UFVJM. Este momento do planejamento acabou sendo substituído em função das adequações que realizei ao longo da regência.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Para melhor entender os resultados, dividimos essa sessão em tópicos.

### O plano de aula

O plano de aula precisou ser modificado em decorrência da minha insegurança e medo para trabalhar uma temática tão polêmica quanto a sexualidade, mesmo sendo essa temática resguardada pela BNCC. Recordo-me que ao elaborar a aula em forma de *slides*, depois de ter lido todas as perguntas dos estudantes, fiquei sem saber o que abordar sobre o ato sexual e sobre as Infecções Sexualmente Transmissíveis. Me senti paralisada. Marquei reunião coma docente orientadora do PRP, que me orientou a Refazer o plano de aula buscando redigir, de forma clara, os meus objetivos com a regência, considerando o público alvo – 8º ano do ensino fundamental – isto é, adolescentes que estão iniciando sua vida afetiva. O que seria mais adequado enfocar para esta fase? O que não seria cabível ou interessante neste momento?

Saí da reunião feliz por ter sido orientada, fui instruída a falar abertamente e na linguagem dos estudantes, a ensiná-los a colocar a camisinha da forma correta, a não dar ênfase em fotos sobre doenças, mas sim na prevenção das mesmas. Isso para evitar que os estudantes associassem o sexo como algo ruim, o que deve ser evitado. Também foi sugerido abordar o papel da mulher na sociedade e a questão afetiva nas relações. A partir disso, o planejamento da ida ao laboratório de anatomia da universidade foi modificado para a abordagem sobre métodos contraceptivos. Com isso me senti melhor preparada para a situação, mas no fundo ainda havia a insegurança de não saber responder perguntas dos estudantes durante as aulas.

Mesmo com toda a minha insegurança e medo, minha preceptora, sempre me apoiou, me deixava mais tranquila nas conversas que tínhamos, quando dizia: “Você dá conta”, “Seu trabalho está muito bom” ou simplesmente no modo gentil de falar sobre as alterações no planejamento: “Desse jeito eu acho que fica melhor”, “Vamos tentar fazer assim”. Essa aproximação, essa gentileza e a alegria em ensinar que ela transmitia me deixava confiante.

## A regência

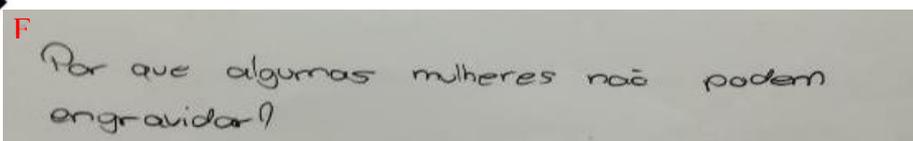
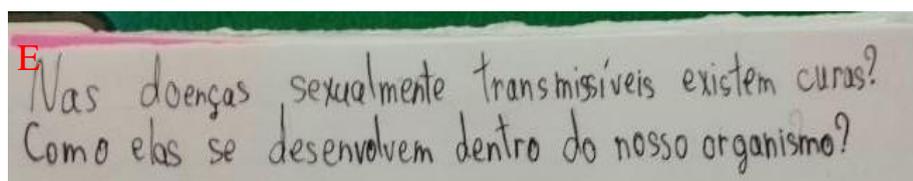
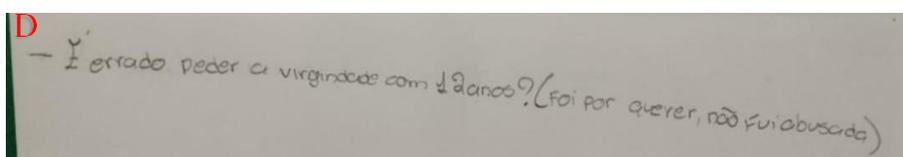
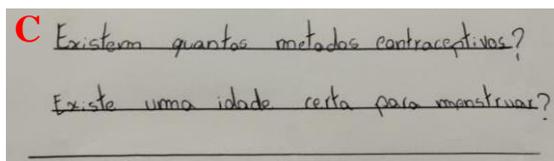
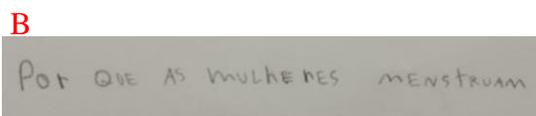
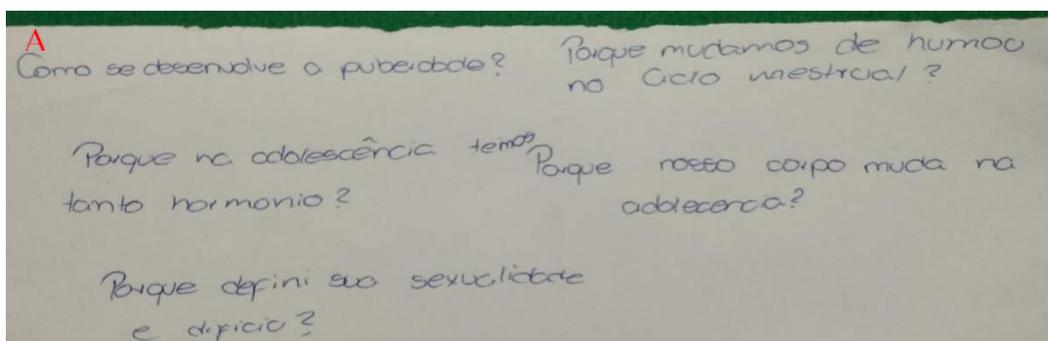
A aula se iniciou com a apresentação de um modelo de torso humano, pois não faria sentido trabalhar sexualidade sem apresentar o corpo humano, pois a matriz da sexualidade é nosso próprio corpo. Quando conheceram o torso, os estudantes ficaram encantados, me pediram para levá-lo na próxima aula.

Depois de uma breve explicação sobre o sistema reprodutor, expliquei sobre a caixa de perguntas, e coloquei tópicos no quadro (gênero, sexualidade, orientação sexual, ISTs, entre outros) e disse que poderiam perguntar sobre qualquer coisa relacionada ao corpo humano

Um trecho do meu diário de bordo ilustra minhas expectativas com a caixa: “Apesar do meu receio de não fazerem perguntas, eu fui surpreendida, lotaram a caixinha”. Esse fato me animou completamente e me deixou mais entusiasmada para prosseguir com a sequência didática.

Fizeram inúmeras perguntas e algumas foram selecionadas.

Figura 1- Questionamentos dos estudantes depositados na caixa de perguntas.





**G** Qual a causa da menstruação?

**I** métodos contraceptivos

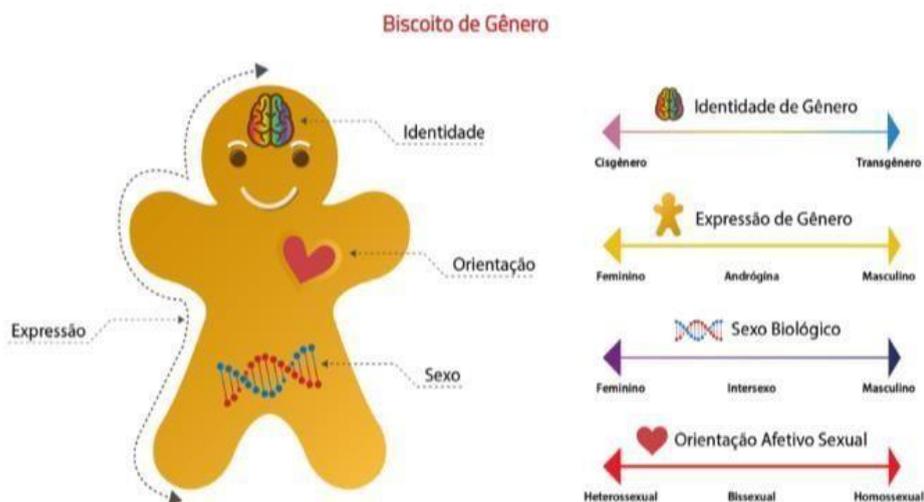
**H** o que é Identidade de gênero

**J** Duvidas:  
Quanto acaba os hormônios?  
Quanto acaba a Menstruação

Fonte: Arquivo pessoal da autora.

Para iniciar a aula teórica, decidi falar sobre a identidade de gênero e como suporte desenhei no quadro o biscoito do gênero (Figura 2), pois foi a maneira mais interessante que encontrei para abordar o assunto.

Figura 2 – Representação esquemática da identidade de gênero



Fonte: <https://www.multirio.rj.gov.br/media/ceds/index.php?pag=apresentacao>

Durante a aula expositiva dialogada também surgiram muitas dúvidas. Tanscrevo aqui algumas delas: “uma mulher grávida pode transar? E se ela fizer isso, engravida de outro bebê?”; “se a mulher não tem menstruação durante a gravidez, se tiver é porque tem alguma coisa errada com o bebê?”; “como é a formação dos gêmeos e dos gêmeos siameses?” Essa última pergunta eu não sabia responder e disse que na próxima aula daria a resposta. Tiveram muitas dúvidas sobre período fértil; perguntaram se a menstruação era formada nos rins; acharam que a



menstruação saía no mesmo lugar que a urina. Todas as dúvidas foram esclarecidas e no próximo dia de aula de Ciências falamos sobre masturbação masculina e feminina, foi um momento que sentiram muita vergonha. Após esse momento ocorreu uma prática sobre métodos contraceptivos.

Solicitei que dois meninos e duas meninas se voluntariassem para colocar a camisinha masculina em uma cenoura da forma que imaginavam que era correto (Figura 3). As meninas foram mais rápidas que os meninos, e os meninos que diziam já saber de tudo tiveram dificuldades até para abrir a embalagem.

Figura 3 – Aula prática sobre métodos contraceptivos – uso da camisinha masculina



Fonte: Arquivo pessoal da autora.

Posteriormente ensinei a colocarem de forma correta a camisinha masculina e a feminina também (Figura 4). Mencionei que caso a mulher tenha pouca lubrificação, pode aderir ao lubrificante íntimo a base de água.

Figura 4 – Aula prática, uso da camisinha feminina.



Fonte: Arquivo pessoal da autora.

No fundo da sala alguém perguntou sobre a camisinha de sabores, e expliquei sobre o sexo oral, o que despertou muita risada e aproveitei para falar sobre candidíase.

Logo depois tivemos uma conversa sobre o absorvente interno e externo, devido a dúvidas que surgiram durante a aula teórica.

Figura 5 – Aula prática, ensinando a usar o absorvente interno e externo.



Fonte: Arquivo pessoal da autora.

Figura 6: Prática de absorção de sangue no absorvente interno e externo.



Fonte: Arquivo pessoal da autora.

Os estudantes ficaram entusiasmados com a prática, muitos se dispuseram a ser voluntários, isso me deixou muito feliz e preparada para realizar essa e qualquer outra atividade prática.

Após a prática um estudante que é mais tímido disse que não precisava ficar falando disso e nem fazendo prática que estava tudo no livro, era necessário somente ler, conversamos sobre a importância de se ter esse tipo de aula prática, quem nem sempre ler no livro é o suficiente, porque surgem muitas dúvidas, mas apesar disso ele não mudou de ideia.

Em um outro momento, em outro dia, fizemos uma roda de conversa (Figura 7) e começamos a falar sobre o primeiro beijo e a “primeira vez”. Ressaltei que está tudo bem não saber como fazer as coisas, que todo mundo passa por esse momento, e que temos que ter confiança e segurança para iniciar a vida sexual. Falamos também sobre se apaixonar, rejeição, não ter os sentimentos correspondidos.

Figura 7: Roda de conversa sobre relações afetivas e afins com estudantes do 8º ano.



Fonte: Arquivo pessoal da autora.

Ao final, senti que fui adaptando as aulas ao meu jeito, construindo minha própria maneira de ser professora a partir das interações que estava tendo com os estudantes, e com isso mudei minha percepção sobre como ser professora. Durante esta formação descobri que é possível criar um vínculo, uma aproximação com os estudantes e desempenhar o meu papel de facilitador da construção de conhecimento.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A experiência relatada resultou em mudanças em mim, enquanto professora em formação, pois me sinto mais confiante em trabalhar com essa temática ou qualquer outra que possa ser complexa e difícil. Dilemas fazem parte da vida de um professor, e esta área de atuação é marcada por conflitos e contradições, seja com a comunidade escolar ou consigo mesmo. Mas, ao final, a vivência desses dilemas profissionais podem gerar mudanças significativas, impactando no desenvolvimento profissional e no crescimento individual dos

professores. Ser professor é ser constantemente desafiado, e construir sua identidade docente é experienciar as vivências estando aberto a refletir sobre elas, atingindo um estado de consciência em que é necessário rever certezas e até mesmo suas próprias ações (ALLAIN,2005).

Reconheci a necessidade de pedir ajuda de pessoas mais experientes no assunto, pois não tem nada de errado em pensar a partir de uma outra perspectiva, não saber como lidar com determinada situação. Aprendi também que construir o conhecimento científico a partir da linguagem dos estudantes é um facilitador na nossa profissão, uma vez que quando estabelecemos uma relação menos hierárquica e mais horizontal entre professor-aluno, é construído um relacionamento onde ambos conseguem se expressar livremente e o processo de ensino-aprendizagem acontece de forma significativa.

Minha experiência não foi perfeita, nem isenta de erros. Percebi posteriormente que não dei atenção às relações homoafetivas, uma vez que nossa sociedade é tão heteronormativa, perpetuei essa característica machista e arcaica das relações. Numa próxima oportunidade de trabalhar com a temática pretendo abordar esse aspecto.

A minha insegurança se deve à grande responsabilidade que temos ao nos tornarmos professores, afinal, não estou apenas ensinando Ciências e Biologia, estou auxiliando na construção de uma pessoa.

Se sentir inseguro diante de algumas situações é comum, mas quando se tem uma rede de apoio tudo se torna mais fácil. Professores devem se ajudar, queremos o mesmo objetivo, transformar a sociedade através do ensino.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço a CAPES, agência de fomento do Programa Residência pedagógica por possibilitar que eu conhecesse estudantes maravilhosos e ter vivências que vão me marcar para sempre.

## **REFERÊNCIAS**

Allain, Luciana R. Os Dilemas e a Constituição da Profissão Docente: Contribuições e Implicações. In: **Ser Professor: O Papel dos Dilemas na construção da Identidade Profissional**. Luciana Resende Allain. São Paulo: Annablume; Belo Horizonte: FUMEC,2005.p.133-140.

Barbosa, L. U., & Folmer, V. (2019). Facilidades e dificuldades da educação sexual na escola: percepções de professores da educação básica. **Revista De Educação Da Universidade Federal Do Vale Do São Francisco**, 9(19), 221–243. Disponível em: <https://www.periodicos.univasf.edu.br/index.php/revasf/article/view/515>. Acesso em: 27/08/2023

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. 2018

Fernandes, Geraldo W. R. Elaboração de Sequencias Didáticas para o Ensino de Ciências. In **Metodologias e abordagens diferenciadas em ensino de ciências**. Geraldo W. R. Fernandes, Luciana Resende Allain, Isabella Rocha Dias. São Paulo SP: Livraria da Física 2022, p.91-110.

Soares, Z. P.; Monteiro, S. S. Formação de professores/as em gênero e sexualidade: possibilidades e desafios. **Educar em Revista** 35 (73) Jan-Feb 2019 , <https://doi.org/10.1590/0104-4060.61432> . Acesso em : 28/09/2023.

UNICEF. 2023. Gênero vs Sexualidade (unicef.org). Acesso em: 27/08/2023